

## Conclusão

Nos parece perigosamente sedutor incorrer na visão simplista de que a ficção científica reduz-se apenas a um ranço místico oriundo do horror e da fantasia. Da mesma forma que estes primeiros gêneros digerem a morte, o oculto e o inexplicável, a ficção científica estaria encarregada de decodificar nossa natural tecnofobia, nosso receio diante da potencialidade do avanço tecnológico. Este é apenas um aspecto - talvez até o menos importante deles - do discurso por trás das criaturas e dos invasores que povoam o imaginário popular.

Mais do que na desconfiança face ao novo, a ficção científica encontra terreno fértil no questionamento à própria condição humana. A tecnologia que transforma as cidades e os corpos também recodifica as relações entre os indivíduos, afetando-nos moral e politicamente. Quando a mitologia da criatura questiona a criação da vida, também redireciona nossa relação com a morte. Se manipulamos a criação, comparando-nos a Deus, e não sofremos as conseqüências de tamanha heresia, também prescindimos dele. O homem livre de Deus toma uma nova consciência de sua existência efêmera. Essa nova relação com a morte tende a ser amoral e, portanto, angustiante. Neste sentido, a ficção científica nos propõe uma purgação dos crimes da natureza humana. E é esse aspecto que a filmografia de Emmerich resgata tão explicitamente.

Seus personagens, membros de famílias em conflito, sem perspectivas de uma existência menos frustrante, moralmente questionáveis e arrogantes são confrontados com os arautos de Deus. Estes montados em fantásticas carruagens estelares, ou nascidos em rituais pagãos, trazem o Armageddon. Diante de suas espadas de fogo e seus raios lasers, a humanidade purga seus pegados quando confrontada com a própria mortalidade e redime-se. Nesse sentido, a ficção científica é judaico-cristã e clama que Deus punirá os adoradores dos falsos ídolos da ciência.

A ficção científica é também um discurso político. Na medida em que questiona não apenas o indivíduo, mas também a relação entre indivíduos, o gênero utiliza seus arquétipos de antagonistas como uma forma de demonização

de determinadas correntes políticas. Desta forma, o mito do invasor costuma encarnar um discurso de direita, patriarcal e armamentista. O mito do invasor geralmente é sustentado pelo patriotismo, pelo conceito de nacionalidade e alteridade. A diferença entre espécies – a humana e a alienígena – é a metáfora para as diferenças culturais. Enxergamos o outro – e somos por eles enxergados – de forma tão distante e mediante tal estranhamento, que os despimos da condição de humanidade – e somos igualmente despídos. Nos filmes que se utilizam deste arquétipo de antagonista, é comum que os personagens “humano” se utilizem de expressões pontuem essas diferenças. “Estamos sendo exterminados como insetos” e “eles são como gafanhotos” são chavões de diálogo nesse tipo de narrativa.

A questão aqui não é apenas diferenciar-nos, mas distanciar o invasor do conceito de humanidade. Eles são representados como frios matadores e matam homens como se fossem gado. O fazem porque são mais desenvolvidos, uma vez que são tecnologicamente superiores. Essa associação entre avanço tecnológica e evolução - tão combatida pelo modernismo e pelo declarado fim das “grandes narrativas” - ainda reside na ficção porque ela, politicamente, legitima a nossa condição. Não evoluímos quando lidamos de forma pacífica com as diferenças. Evoluímos quando temos a tecnologia de subjugar-las.

O mito da criatura, por sua vez, parece estar mais relacionado com o pensamento tradicional de esquerda. Os modos de produção descaracterizam o ser humano, transformando-o numa peça de indústria ao passo que transformam e consomem os recursos naturais em busca do lucro. O derradeiro ultraje está na manipulação da natureza e da ciência para a criação do trabalhador ideal, que nasce desprovido de liberdade, uma vez que não nasce. Como criado, é servo desde o primeiro segundo de vida. Como servo, é incapaz de ser autônomo e, portanto, é o operário dos sonhos dos detentores do meio de produção. Esse, contudo, revolta-se contra o seu criador. Exige a liberdade que sua origem lhe aviltou e toma o poder pelas próprias mãos, de forma violenta, vingativa e libertária. Nesse momento o mito da criatura abandona as vestes de operário ideal para tornar-se o revolucionário marxista ideal.

Não por coincidência Emmerich escreveu, produziu e dirigiu “Independence day” durante o governo Clinton e “O dia depois de amanhã”

durante a campanha de re-eleição de George W. Bush. Mais do que um pretexto para exibir suas últimas criações digitais em efeitos visuais, Emmerich exibiu peças de propaganda nos cinemas ao redor do mundo. O que não chega a ser uma novidade. Hollywood faz uso desse expediente desde sempre. O interessante é que Roland Emmerich, um diretor alemão, utilizou desse expediente para fazer, mundialmente, uma crítica democrata à situação política interna norte americana de dentro dos estúdios da FOX, notoriamente de tendência republicana. Quase como um invasor que se volta contra seus criadores.